

«Nesta história cativante e repleta de emoção,  
Adam Silvera aborda com mestria temas como a diversidade  
e a homossexualidade. Um livro inesquecível e obrigatório!»

*School Library Journal*

# NO FINAL, MORREM OS DOIS

*Para nos lembrarmos  
de que todos os dias contam.*



Autor Bestseller do New York Times

## ADAM SILVERA

Querido Leitor:

Sempre escrevi a partir da minha experiência pessoal, e *No Final, Morrem os Dois* não é uma exceção. Ao contrário dos meus dois primeiros romances, o enredo deste livro não é uma interpretação fantástica das minhas próprias experiências, mas surge sim da minha inexperiência. Sou jovem, mas passei ao lado de muitos anos da minha vida. Desperdicei demasiado tempo a ser esquisito com a comida, a guardar as minhas opiniões para mim e a mentir em vez de construir amizades mais profundas, sem assumir aquilo que sou até ter feito 19 anos; não disse olá a muitos rapazes giros que vi no metro, não cantei em frente aos meus amigos porque a minha voz é uma porcaria e porque, porque, porque.

Foi ao escrever este livro que me tornei mais audaz, inspirado por um rapaz em particular que foi desconstruindo os muros que ergueu à sua volta, tijolo por tijolo, até se sentir livre das suas inúmeras inseguranças e medos — e inspirado por outro rapaz a corrigir os meus erros, a fazer as coisas como devia ser enquanto havia tempo. Provei carne de crocodilo, mas não voltarei a comê-la. Agora sou capaz de defender a minha opinião com unhas e dentes contra a de qualquer pessoa. Digo a verdade mesmo quando ela é desconfortável, sabendo que uma amizade forte pode crescer com isso. Assumo-me perante toda a gente, incluindo — e talvez principalmente — todos os alunos dos estados mais conservadores que visito nas digressões dos meus livros, por muito zangados que os pais deles fiquem. Continuo a não dizer olá aos

rapazes giros que vejo no metro, mas dei o primeiro passo para conhecer o amigo do meu companheiro de quarto que não parava de namoriscar comigo — e agora é ele o meu namorado. Já cantei com outros autores de literatura para jovens adultos em bares de karaoke às 3 da manhã, a meio da semana, e senti-me feliz, apesar de cantar terrivelmente mal.

Acredito verdadeiramente que devemos viver a nossa melhor vida tão cedo quanto possível, acredito que devemos usar as nossas capacidades até ao limite, porque ao contrário das personagens deste livro, não sei quanto tempo me resta neste universo. E vocês também não sabem. Por isso não esperem demasiado tempo para serem quem querem ser — os ponteiros do relógio continuam a avançar.

Com amor louco,  
*Adam Silvera*

*Para todos aqueles que precisarem de se lembrar  
de que todos os dias contam.*

*Um enorme agradecimento à minha mãe  
por todo o amor e carinho, e à Cecília por todo o amor e firmeza.  
Sempre precisei muito de ambos.*



## PARTE UM

# Previsão-de-Morte

*Viver é a coisa mais rara do mundo.  
A maior parte das pessoas limita-se a existir.*

— Oscar Wilde

5 de setembro de 2017

MATEO TORREZ

00h22

A Previsão-de-Morte ligou-me com o aviso mais importante da minha vida — hoje é o dia em que vou morrer. Esqueçam isto, «aviso» é uma palavra demasiado forte, uma vez que os avisos sugerem que a ação pode ainda ser evitada, como um carro que apita a alguém que vai a atravessar a estrada quando o sinal está vermelho, dando-lhe tempo para recuar; neste caso, é mais uma chamada de atenção. O alerta, um prolongado e inconfundível gongo, como o sino de uma igreja a repicar a um quarteirão de distância, ouve-se sonoramente vindo do meu telefone, que está do outro lado do quarto. Já me estou a passar, com uma centena de pensamentos a afundar imediatamente tudo o que me rodeia. Aposto que este caos é o mesmo que um paraquedista sente da primeira vez que é atirado de um avião, ou que um pianista sente durante o seu primeiro concerto. Não que alguma vez venha a saber exatamente.

É uma loucura. Ainda há um minuto estava a ler a entrada de ontem no blogue *EmContagemDecrescente* — onde os Deckers registam as suas horas finais através de atualizações de estado e vídeos em direto; este em particular era sobre um caloiro da faculdade a tentar encontrar uma casa para o seu *golden retriever* — e agora sei que vou morrer.

Eu vou... não... sim. Sim.

Sinto o peito a comprimir-se. Eu vou morrer hoje.

Sempre tive medo de morrer. Não sei por que motivo achei que este medo iria impedir a morte de acontecer em concreto. Não impedir eternamente, claro, mas pelo menos o suficiente para poder crescer mais um pouco. O meu pai até tem procurado incutir-me a ideia de que devia fazer de conta que sou o protagonista de uma história a quem nunca acontece nada de mal, principalmente a morte, já que o herói tem de continuar vivo para salvar o dia. Mas o ruído da minha cabeça está a acalmar e tenho um mensageiro da Previsão-de-Morte do outro lado da linha à espera de que eu atenda para me dizer que vou morrer hoje com 18 anos.

Uau, vou mesmo...

Não quero atender o telemóvel. Preferia ir a correr para o quarto do meu pai e berrar para uma almofada, porque ele escolheu uma péssima altura para ir parar aos cuidados intensivos, ou então dar um murro na parede, porque a minha mãe me condenou a uma morte prematura quando faleceu ao dar à luz. O telemóvel toca pela que já deve ser a décima terceira vez, e não posso continuar a evitar o que vai acabar por acontecer durante o dia de hoje.

Tiro o portátil de cima das pernas cruzadas e levanto-me da cama, a cambalear um pouco, porque me sinto mesmo zozzo. Pareço um zombie a caminhar em direção à secretária, lento e já um morto-vivo.

A identificação de chamada mostra que é a *PREVISÃO-DE-MORTE*, claro.

Estou a tremer, mas consigo premir na tecla *Falar*. Não digo nada. Não sei bem o que dizer. Limito-me a respirar, porque me restam menos de 28 mil inspirações — é a média de inspirações que uma pessoa que não esteja prestes a morrer faz por dia — e mais vale usá-las todas enquanto posso.

— Olá, estou a ligar da Previsão-de-Morte. O meu nome é Andrea. Estás aí, Timothy?

Timothy.

Eu não me chamo Timothy.

— Ligou para a pessoa errada — respondo à Andrea. O meu coração acalma-se, embora sinta pena deste tipo, do Timothy. Sinto mesmo. — Chamo-me Mateo. — Recebi o nome do meu pai e ele quer que o passe à geração seguinte. O que agora já posso fazer, se o meu futuro incluir ter filhos.

Do lado de lá ouço as teclas de um computador, provavelmente a corrigir a entrada ou outra coisa qualquer na base de dados.

— Oh, peço desculpa. O Timothy é o senhor com quem acabei de falar; ele não aceitou muito bem a notícia que tinha para lhe dar, pobrezinho. És o Mateo Torrez, não é verdade?

E assim, sem mais nem menos, perco a minha última esperança.

— Mateo, confirma-me, por favor, que é este o teu nome. Tenho muitas outras chamadas para fazer ainda esta noite.

Sempre imaginei que o meu mensageiro — o nome oficial que eles escolheram, não eu — seria bondoso e gentil ao dar-me esta notícia, talvez até piedoso por esta situação ser especialmente trágica quando se trata de alguém tão jovem. Para ser sincero, até nem me importava que ela fosse mais alegre, que me dissesse para aproveitar o meu dia ao máximo e me divertir, uma vez que já sabia o que ia acontecer. Assim não fico fechado em casa a olhar espedado para puzzles de mil peças que nunca vou conseguir acabar, ou a masturbar-me porque a ideia de ter sexo com uma pessoa de verdade me apavora. Mas esta mensageira está a fazer-me sentir que estou a desperdiçar o seu tempo porque, ao contrário de mim, ela tem-no de sobra.

— Muito bem. O Mateo sou eu. Chamo-me Mateo.

— Mateo, lamento informar-te de que algures durante as próximas 24 horas enfrentarás uma morte prematura. E embora não

exista nada que possamos fazer para a evitar, continuas a ter uma oportunidade para viver. — A mensageira continua a dizer como a vida nem sempre é justa, depois enumera alguns eventos em que posso participar durante o dia de hoje. Não devia ficar zangado com ela, mas é evidente que é um tédio para ela recitar este discurso que lhe foi cravado na memória depois de o narrar a centenas, talvez milhares de pessoas, sobre como dali a pouco tempo vão estar mortos. Ela não tem solidariedade ou compreensão para me oferecer. O mais certo é estar a limar as unhas ou a jogar ao galo contra si mesma enquanto fala comigo.

No *EmContagemDecrescente*, os Deckers publicam entradas sobre tudo, desde o telefonema a informar da morte iminente até à forma como vão passar o seu Último Dia. É basicamente um *Twitter* para os Deckers. Já li muitos painéis em que os Deckers admitem perguntar aos mensageiros como vão morrer, mas toda a gente sabe que esse tipo de conhecimento não está disponível para qualquer pessoa, nem mesmo para o antigo Presidente Reynolds, que há quatro anos tentou esconder-se da Morte num *bunker* subterrâneo e acabou por ser morto por um agente dos Serviços Secretos. A Previsão-de-Morte só pode revelar a data de morte da pessoa, mas não o minuto exato nem como.

— ...Compreendes tudo isto?

— Sim.

— Podes aceder a [previsaodemorte.com](http://previsaodemorte.com) e preencher qualquer pedido especial que tenhas para o teu funeral, assim como para a inscrição que gostavas de ver gravada na tua lápide. Ou talvez prefiras ser cremado, e nesse caso...

Em toda a minha vida só fui a um funeral. A minha avó morreu quando eu tinha 7 anos e fiz uma birra no funeral porque ela se recusava a acordar. Avançando cinco anos até ao aparecimento da Previsão-de-Morte e de repente toda a gente *estava* acordada no

seu próprio funeral. Ter a oportunidade de nos despedirmos das pessoas antes de morrer é uma coisa incrível, mas não seria melhor se passássemos esse tempo a viver a sério? Talvez me sentisse de outra forma se pudesse contar realmente com a presença das pessoas no meu funeral. Se tivesse mais amigos do que dedos.

— E, Timothy, em nome de todos nós na Previsão-de-Morte, temos muita pena de te perder. Vive este dia ao máximo, sim?

— Chamo-me Mateo.

— Sim, desculpa, Mateo. Estou mortificada. Foi um dia muito longo e estas chamadas são muito stressantes e...

Desliguei-lhe o telefone na cara. Sei que é má educação, sei mesmo. Mas não consigo ouvir alguém a dizer-me como o seu dia está a ser stressante quando posso cair para o lado durante a próxima hora, ou até durante os próximos dez minutos. Posso engasgar-me com um reбуçado para a tosse; posso sair do meu apartamento para fazer qualquer coisa, cair nas escadas e partir o pescoço, mesmo antes de conseguir pôr um pé na rua. Alguém pode entrar aqui e assassinar-me. A única coisa que posso excluir com toda a segurança é que vou morrer de velhice.

Deixo-me cair de joelhos no chão. Tudo vai acabar hoje mesmo e não há absolutamente nada que possa fazer para o evitar. Não posso fazer uma viagem por terras infestadas de dragões para recuperar um cetro que detenha a morte. Não posso saltar para cima de um tapete voador para encontrar um génio que me conceda o desejo de uma vida simples e completa. Talvez pudesse encontrar um cientista maluco qualquer que preservasse o meu corpo com o método criogénico, mas o mais provável era que morresse a meio da mirabolante experiência. A morte é inevitável para toda a gente e hoje é uma certeza para mim.

A lista de pessoas de quem vou sentir a falta, se é que os mortos conseguem sentir falta de alguém, é tão pequena que nem

devia ser chamada de lista: o meu pai, por dar sempre o seu melhor; a minha melhor amiga, Lidia, não só por não me ignorar nos corredores da escola como também por se sentar realmente à minha frente à hora do almoço, por fazer par comigo na aula de Ciências da Terra e por me contar que gostava de ser uma ambientalista que vai salvar o mundo; gostava de a poder recompensar e viver no mundo que ela vai salvar. E pronto, não tenho mais ninguém.

Se alguém estivesse interessado na lista de pessoas de quem *não* vou sentir falta, não teria nada para lhe apresentar. Nunca ninguém me fez mal. E até entendo por que motivo as pessoas não se metiam sequer comigo. A sério que entendo. Eu sou uma pessoa confusa e paranoica. As poucas vezes que me convidaram para fazer alguma coisa divertida com os colegas de escola, como patinar no parque ou dar uma volta de carro à noite, recusei sempre por achar que *podíamos* estar a fazer alguma coisa perigosa, *talvez*. Acho que aquilo de que vou sentir mais falta é das oportunidades que desperdicei para viver a minha vida ao máximo e das possibilidades que perdi para fazer bons amigos dos meus colegas de escola. Vou sentir falta das vezes em que não criámos laços de amizade em dormidas nas casas uns dos outros, naquelas noites em que toda a gente fica acordada a jogar *Xbox Infinity* e jogos de tabuleiro; nunca fui a nenhuma dessas dormidas porque me sentia demasiado assustado.

A principal pessoa de quem vou sentir falta é do Mateo do Futuro, que talvez viesse a descontrair um pouco e viver a vida. É difícil imaginá-lo com clareza, mas imagino o Mateo do Futuro a experimentar algumas coisas, como fumar erva com os amigos, tirar a carta de condução e saltar para um avião com destino a Porto Rico para aprender mais sobre as suas origens. Talvez namorasse com alguém, e talvez gostasse da companhia dessa pessoa.

É provável que toque piano para os amigos e que cante à frente deles, e quando morresse, o Mateo do Futuro teria certamente um funeral apinhado de gente, as cerimónias fúnebres iam estender-se durante um fim de semana inteiro — e a sala até estaria cheia de gente que não tivera oportunidade de o abraçar uma última vez.

O Mateo do Futuro ia ter uma lista mais extensa de amigos de quem sentiria falta.

Só que eu já não vou crescer para ser o Mateo do Futuro. Nunca ninguém vai apanhar uma pedrada comigo, ninguém vai ser o meu público quando eu tocar piano e ninguém se vai sentar no lugar do pendura no carro do meu pai quando eu tirar a carta de condução. Nunca vou discutir com os meus amigos sobre quem fica com os melhores sapatos de bólingue nem sobre quem vai ser o Wolverine quando estivermos a jogar videojogos.

Deixo-me cair de costas no chão e penso como é agora ou nunca. Mas nem é.

É agora, e depois nunca.

## 00h42

O meu pai toma sempre duches quentes quando está aborrecido ou desiludido consigo mesmo. Comecei a copiá-lo quando fiz 13 anos, porque começaram a surgir muitos pensamentos confusos e precisava de bastante tempo para lidar com eles em sossego. Agora estou a tomar banho porque me sinto culpado por desejar que o mundo, ou uma parte dele além da Lidia e do meu pai, fique triste de me ver partir. Como me recusei a viver de forma invencível nos dias todos em que não recebi um alerta, desperdicei todos os ontens da minha vida e agora já não me restam amanhã.

Não vou contar nada a ninguém. Só ao meu pai, mas ele nem sequer está acordado por isso não conta. Não quero passar o meu último dia a questionar-me se as pessoas estão a ser genuínas quando me dirigirem palavras tristes. Ninguém devia passar as suas últimas horas a duvidar dos outros.

Mas tenho de sair e expor-me ao mundo, tenho de me enganar a mim mesmo para enfrentar este dia como se fosse um dia qualquer. Tenho de ir ver o meu pai ao hospital e segurar na mão dele pela primeira vez desde que era miúdo, porque esta vai ser a... uau, vai ser a última vez.

Vou morrer antes de me habituar à minha própria mortalidade.

Também tenho de ir ver a Lidia e a filha dela, a Penny, que tem agora 1 ano. A Lidia escolheu-me para padrinho da Penny quando a bebé nasceu, e é uma merda que eu seja a pessoa que devia tomar conta dela se acontecesse alguma coisa à Lidia, já que o namorado dela, o Christian, morreu há pouco mais de um ano. Claro, como é que uma pessoa de 18 anos, sem fonte de rendimento, vai tomar conta de uma bebé? A resposta rápida é: não vai. Mas eu devia poder envelhecer e contar histórias à Penny sobre a mãe que salvou o mundo e o pai que era um porreiro, e depois dar-lhe as boas-vindas à minha casa quando tivesse estabilidade financeira e estivesse emocionalmente preparado para a acolher. Agora vejo-me arrancado da vida dela antes de poder ser mais do que um tipo num álbum de fotografias sobre quem talvez a Lidia conte algumas histórias. A Penny vai assentir com a cabeça, fazer troça dos meus óculos e a seguir virar a página para ver as fotografias dos membros da família que conhece de verdade e de quem gosta. Para ela, nem sequer vou ser um fantasma. Mas isso não é motivo para não ir uma última vez fazer-lhe cócegas ou limpar puré de abóbora ou ervilhas do rosto dela, nem para dar uma folga à Lidia e deixá-la

estudar para os exames, lavar os dentes, pentear o cabelo ou dormir uma sesta.

Depois disso, vou conseguir de alguma forma separar-me da minha melhor amiga e da filha dela, e vou continuar a viver a vida que me resta.

Fecho a torneira e a água deixa de cair sobre mim; hoje não é dia para tomar um duche de uma hora. Agarro nos óculos que deixei em cima do lavatório e coloco-os. Saio da banheira e escorrego numa poça de água; enquanto me sinto a cair para trás estou à espera de ver se aquela teoria de que a vida nos passa toda à frente dos olhos é verdade ou não, mas consigo agarrar-me ao toalheiro e evitar cair. Inspiro e expiro, inspiro e expiro, porque morrer assim seria mesmo uma forma infeliz de ir desta para melhor; alguém acabaria por me adicionar à página de «Duche KO» no blogue *Mortes Parvas*, um site com imenso tráfego que me enerva a vários níveis.

Tenho de sair daqui e viver — mas para isso tenho de conseguir primeiro sair do apartamento com vida.

## 00h56

Escrevo bilhetes de agradecimento aos meus vizinhos do 4F e 4A, dizendo-lhes que é o meu Último Dia. Com o meu pai no hospital, o Elliot, do 4F, visita-me para ver como estou e traz-me o jantar, sobretudo na última semana, porque o nosso forno deu o berro depois de ter tentado fazer *empanadas* para levar ao meu pai. O Sean, do 4A, estava a planear passar cá no sábado para me arranjar o forno, mas já não é preciso. O meu pai é capaz de saber como o arranjar e talvez precise mesmo de uma distração quando eu já cá não estiver.

Vou ao meu roupeiro e pego na camisa de flanela azul e cinzenta que a Lidia me ofereceu quando fiz 18 anos e visto-a por

cima de uma t-shirt branca. Ainda não a usei na rua. É com esta camisa que vou tentar manter a Lidia por perto durante este dia.

Vejo as horas — o meu relógio é antigo e era do meu pai, que me ofereceu depois de comprar um digital que brilhasse, por causa dos olhos — e já é quase 1 da manhã. Num dia normal estaria a jogar videojogos até bem tarde, mesmo que isso significasse que no dia seguinte ia para a escola exausto. Pelo menos podia dormir durante os furos. Não devia ter tomado essas horas livres como garantidas. Devia ter frequentado outras aulas, como artes, apesar de não conseguir desenhar nada, mesmo que a minha vida dependesse disso. (Quero dizer, a minha vida não depende de nada que eu possa fazer, obviamente, mas enfim, agora não é isso o que importa.) Talvez devesse ter entrado para a banda da escola para tocar piano, para ganhar algum reconhecimento antes de chegar ao coro; depois podia ter feito um dueto com alguém porreiro, ou talvez até tido coragem para cantar a solo. Caramba, até o teatro podia ter sido divertido se fosse obrigado a desempenhar o papel de uma personagem que me fizesse sair da concha. Mas não, sempre escolhi ficar com horas livres para poder afastar-me de toda a gente e dormir umas sextas.

São 00h58. Assim que for 1 da manhã vou obrigar-me a sair deste apartamento. Tem sido ao mesmo tempo o meu refúgio e a minha prisão, e pela primeira vez preciso de ir respirar o ar da rua em vez de me limitar a atravessá-lo para chegar do Ponto A ao Ponto B. Tenho de contar as árvores, talvez cantar uma das minhas músicas favoritas enquanto mergulho os pés no Hudson, e dar o meu melhor para ser recordado como o jovem rapaz que morreu prematuramente.

É 1 da manhã.

Não posso acreditar que nunca mais vou voltar ao meu quarto.

Destranco a porta da frente, giro a maçaneta e abro a porta.

Pouso os bilhetes para os meus vizinhos e fecho a porta com um baque.

Não vou sair para um mundo que me vai matar antes de chegar a minha hora.

## RUFUS EMETERIO

### 1h05

A Previsão-de-Morte contacta-me enquanto estou a espancar o novo namorado da minha ex-namorada. Ainda estou em cima deste tipo, a pisar-lhe os ombros com os joelhos, e o único motivo que me impede de lhe dar mais um murro nos olhos é o toque que ouço vindo do meu bolso — aquele toque sonoro da Previsão-de-Morte que toda a gente conhece demasiado bem, seja por experiência pessoal, seja porque o ouviu nas notícias ou porque todos os programas merdosos usam o alerta para dar aquele efeito dramático: tum-tum-tum! Os meus amigos, o Tago e o Malcolm, já não estão a incentivar a coça. Mergulharam num silêncio sepulcral e estou à espera de que o telemóvel deste idiota do Peck também comece a tocar, mas não, só se ouve o meu a tocar. Talvez a chamada a avisar que a minha vida está prestes a chegar ao fim tenha acabado de salvar a dele.

— Tens de atender, Roof — diz o Tago. Estava a gravar a ta-reia, porque a cena dele é ver lutas online, mas agora está a olhar fixamente para o telemóvel com medo de receber também uma chamada.

— O tanas é que tenho de atender — respondo. O meu coração está a bater a uma velocidade louca, ainda mais depressa do que quando fui ter com o Peck, mais depressa do que quando lhe dei o primeiro murro e o derrubei para o chão. O olho esquerdo do Peck já está inchado e no olho direito não vejo mais nada além

de um terror puro. As chamadas da Previsão-de-Morte podem incluir três pessoas. Por isso ele não sabe se o vou levar comigo ou não.

Eu também não sei.

O telemóvel para de tocar.

— Talvez tenha sido engano — diz o Malcolm.

O telemóvel recomeça a tocar.

O Malcolm fica calado.

Eu não estava com grandes esperanças. Não conheço as estatísticas nem nada do género, mas a porra dos alertas da Previsão-de-Morte não são exatamente notícias habituais. E nós, Emeterios, não temos sido particularmente sortudos no que diz respeito a ficar vivos. Mas conhecer o Criador antes do tempo? Somos muito eficientes nisso.

Estou a tremer e sinto aquela sensação de pânico a zumbir-me na cabeça, como se alguém me estivesse a esmurrar sem parar, porque não faço a menor ideia de como vou morrer, só que vou morrer de facto. E a minha vida não está exatamente a passar-me à frente dos olhos, não que esperasse que isso viesse a acontecer-me mais tarde quando estivesse realmente no meu leito de morte.

O Peck contorce-se debaixo de mim e levanto o punho para ele parar quieto.

— Talvez ele tenha uma arma — diz o Malcolm. Ele é o gigante do grupo, o tipo de gajo que teria sido útil ter por perto no momento em que a minha irmã não conseguiu tirar o cinto de segurança quando o nosso carro caiu no Rio Hudson.

Antes da chamada, era capaz de apostar o que quisessem que o Peck não tinha nenhuma arma com ele, uma vez que fomos nós que o abordámos quando ele ia a sair do trabalho. Mas não vou apostar a minha vida, não desta forma. Larguei o telemóvel. Comprimi-o contra o chão e virei-o ao contrário, enquanto

procurava uma navalha no cós das calças dele. Levantei-me, mas ele ficou caído no chão.

O Malcolm puxa a mochila do Peck de baixo do carro azul para onde o Tago e a atirou. Abriu a mochila e despejou o conteúdo, deixando alguns livros de banda desenhada do *Pantera Negra* e do *Gavião Arqueiro* cair no chão.

— Nada.

O Tago e dirige-se apressadamente ao Peck e juro que penso que ele lhe vai dar um pontapé na cabeça qual bola de futebol, mas em vez disso agarra no meu telemóvel e atende a chamada.

— Com quem querem falar? — O tremor no pescoço não surpreende ninguém. — Espere, espere. Eu não sou ele. *Espera*. Espere um segundo. — Estende o telemóvel. — Queres que desligue, Roof?

Não sei. O Peck ainda está no chão do parque de estacionamento da escola, espancado e ensanguentado, e não é que precise de atender a chamada para ter a certeza de que a Previsão-de-Morte me está a ligar para dizer que ganhei a lotaria. Pego no telemóvel da mão do Tago e, danado e confuso, e sinto-me capaz de vomitar, mas os meus pais e a minha irmã não o fizeram, por isso talvez eu também não o faça.

— Fiquem de olho nele — digo para o Tago e para o Malcolm. Eles assentem com a cabeça. Não sei como me tornei no macho alfa deste grupo. Fui para a casa de acolhimento alguns anos depois deles.

Afasto-me um pouco, como se a privacidade tivesse alguma importância neste caso, e certifico-me de que fico longe do alcance da luz do sinal que indica a saída. Não tenciono ser apanhado a meio da noite com sangue nos nós dos dedos.

— Sim?

— Olá. Daqui fala o Victor da Previsão-de-Morte, gostava de falar com o Rufus Emeterio.

O tipo pronuncia mal o meu apelido, mas não vale a pena corrigi-lo. Não há mais ninguém para continuar com o nome de família.

— Sim, sou eu.

— Rufus, lamento informar-te de que algures nas próximas 24 horas...

— 23 — interrompo, andando de um lado para o outro, de uma ponta do carro à outra. — Está a ligar-me depois da 1 da manhã. — É uma treta. Os outros Deckers receberam o alerta há uma hora. Talvez se a Previsão-de-Morte me tivesse ligado há uma hora, eu não estivesse aqui à espera no exterior do restaurante onde o Peck, o desistente do primeiro ano da faculdade, trabalha, para o perseguir até ao parque de estacionamento.

— Sim, tens razão. Lamento imenso — diz o Victor.

Tento ficar calado, porque não quero descarregar os meus problemas num tipo que só está a fazer o seu trabalho, embora para começo de conversa não faça a mais pequena ideia do que leva alguém a candidatar-se a este emprego. Vamos fazer de conta durante um instante que eu tenho realmente um futuro à minha espera, façam-me a vontade, vá — não existe nenhum universo em que acordasse um belo dia e dissesse: «Acho que vou agora fazer um turno das 00 às 3 horas em que a minha única função é telefonar às pessoas para lhes comunicar que a sua vida chegou ao fim.» Mas era isto que o Victor e outros como ele faziam. Não estou interessado em ouvir aquela velha máxima de não-mates-o-mensageiro, principalmente quando o mensageiro me está a ligar para dizer que antes do final do dia vou desta para melhor.

— Rufus, lamento informar-te de que algures durante as próximas 23 horas enfrentarás uma morte prematura. E embora não exista nada que possa fazer para a evitar, estou a ligar-te para te informar das opções que tens à disposição para este dia.

Antes de mais, como estás? Demoraste um pouco a atender a chamada. Está tudo bem?

Ele quer saber como estou. Pois, está certo. Consigo ouvir pela entoação inexpressiva da pergunta que não está mais preocupado comigo do que com os outros Deckers a quem tem de ligar esta noite. O mais provável é que as chamadas sejam monitorizadas e que ele esteja a fazer conversa para tentar manter o emprego.

— Não sei como estou. — Aperto o telemóvel na mão para não o atirar contra a parede pintada com crianças brancas e castanhas de mãos dadas por baixo de um arco-íris. Olho por cima do ombro e o Peck continua de cara no chão enquanto o Malcolm e o Tagoe olham fixamente para mim; é bom que se certifiquem de que ele não foge antes de decidirmos o que fazer com ele. — Diga-me apenas quais são as minhas opções. — Devem ser boas, devem.

O Victor relata a previsão meteorológica (deve chover antes do meio-dia e mais para o fim da tarde, se chegar lá), fala-me em festivais que não me interessam nada (principalmente na aula de ioga na High Line, quer faça chuva quer faça sol), fala-me de decisões formais para o meu funeral e de restaurantes com os melhores descontos Decker, se usar o código do dia. Abstraio-me de tudo o resto porque estou ansioso para saber como vai ser o meu Último Dia.

— Como é que vocês sabem? — interrompo. Talvez este tipo tenha pena de mim e eu ainda possa deixar algumas pistas ao Tagoe e ao Malcolm sobre este enorme mistério. — Dos Últimos Dias? Como é que vocês sabem? Têm uma lista qualquer? Uma bola de cristal? Um calendário do futuro? — Toda a gente especula como é que a Previsão-de-Morte consegue obter este tipo de informação capaz de mudar a vida das pessoas. O Tagoe falou-me de uma série de teorias malucas que leu online, como por exemplo que a Previsão-de-Morte contrata um bando de médiuns ou

aquela completamente ridícula que diz que o governo tem um extraterrestre acorrentado a uma banheira e que o obriga a reportar os Últimos Dias das pessoas. Existem muitos detalhes errados nesta teoria, mas não tenho tempo para os comentar agora.

— Receio que essa informação também não esteja disponível para os mensageiros — diz o Victor. — Nós também temos curiosidade, mas não é um conhecimento imprescindível ao exercício da nossa função. — Mais uma resposta padrão. Aposto o que vocês quiserem que ele sabe, mas se quiser manter o emprego não pode revelar nada.

Este gajo que se lixe.

— Ei, Victor, e que tal mostrar que é um ser humano durante um minuto? Não sei se sabe, mas tenho 17 anos. Estou a três semanas de fazer 18. Não fica nem um bocadinho lixado ao pensar que não vou chegar à faculdade? Que nunca me vou casar? Ter filhos? Viajar? Duvido que se chateie com isso. Está só aí sentado muito descansado no seu pequeno trono, no seu pequeno escritório, porque sabe que ainda tem mais umas décadas pela frente, não é?

O Victor pigarreia.

— Queres que eu seja um ser humano, Rufus? Queres que desça do meu trono e que te diga a verdade? Muito bem. Há uma hora desliguei o telefone depois de falar com uma senhora que chorou porque vai deixar de ser mãe, uma vez que a filha de 4 anos vai morrer hoje. Implorou-me que lhe dissesse como pode salvar a vida da filha, mas ninguém tem esse poder. E depois tive de fazer um pedido ao Departamento de Juventude para enviarem um polícia a casa dela para o caso de a mãe ser a responsável pela morte da filha, o que, acredites ou não, não foi a coisa mais horrenda que já tive de fazer por este emprego. Rufus, eu tenho muita pena de ti, tenho mesmo. Mas a tua morte não é culpa minha e

infelizmente ainda tenho muitas chamadas para fazer esta noite. Por isso, consegues fazer-me um favor e cooperar?

Chiça.

Cooperei durante o resto da chamada. Este tipo não tinha obrigação de me contar sobre a morte de mais ninguém e agora só consigo pensar na mãe que nem vai chegar a ver a filha ir para a escola que está mesmo atrás de mim. No fim da chamada o Victor diz a frase característica da empresa, aquela que me habituei a ouvir em muitos programas de televisão e filmes em que a Previsão-de-Morte aparece como um acontecimento na vida diária das personagens: «Em nome de todos nós na Previsão-de-Morte, temos muita pena de te perder. Vive este dia ao máximo.»

Não sei dizer quem desliga a chamada primeiro, mas também não importa. O estrago está feito — vai ser feito. Hoje é o meu Último Dia, o verdadeiro Armagedão do Rufus. Não sei como é que as coisas vão acontecer. Estou a rezar para não me afogar, como aconteceu com os meus pais e a minha irmã. A única pessoa a quem fiz mal foi ao Peck, a sério que foi, por isso não estou a contar levar um tiro, mas, sei lá, as balas perdidas também existem. A forma como vai acontecer não é tão importante como aquilo que eu vou fazer até acontecer, mas não saber ainda está a deixar-me apavorado; afinal, uma pessoa só morre uma vez.

Talvez o Peck *venha* a ser responsável pela minha morte.

Caminhei rapidamente em direção aos três. Agarro o Peck pela parte de trás do colarinho e atiro-o contra a parede de tijolo. O sangue jorra de um golpe na testa dele e não consigo acreditar que este tipo me tenha deixado assim de cabeça perdida. Ele nunca devia ter aberto a boca para enumerar as razões pelas quais a Aimee já não me quer. Se as cenas que ele disse não me tivessem chegado aos ouvidos, a minha mão não estaria agora em volta da garganta dele, deixando-o ainda mais assustado do que eu.

— Tu não me «derrotaste», OK? A Aimee não se separou de mim por tua causa, por isso é bom que tires imediatamente essa ideia da cabeça. Ela amava-me e as coisas entre nós tornaram-se complicadas; ela ia acabar por voltar para mim. — Sei que isto é verdade; o Malcolm e o Tagoé são da mesma opinião. Debruço-me no Peck, olhando-o diretamente no olho que ainda está aberto. — É bom que nunca mais volte a ver-te enquanto for vivo. — Pois, está bem. Não que vá continuar vivo durante muito tempo. Mas este tipo é um palhaço de merda e é capaz de se pôr com ideias. — Entendeste?

O Peck acena com a cabeça.

Largo-lhe a garganta e tiro-lhe o telemóvel do bolso. Atiro-o contra a parede e o ecrã fica completamente estilhaçado. O Malcolm pisa o telemóvel.

— Desaparece daqui.

O Malcolm agarra-me no ombro.

— Não o deixes ir embora. Ele tem ligações com aquele pessoal conhecido.

O Peck vai deslizando pela parede fora, nervoso, como se estivesse a escalar pelas janelas de um arranha-céus na cidade.

Sacudo a mão do Malcolm do meu ombro.

— Eu disse: desaparece daqui.

O Peck vai-se embora a correr num ziguezague meio zozno. Não olha para trás para ver se o perseguimos nem abrandando para apanhar a mochila ou os livros de banda desenhada.

— Pensei que tinhas dito que ele tem uns amigos num gangue qualquer — disse o Malcolm. — E se eles vierem atrás de ti?

— Eles não são um gangue de verdade e ele foi expulso. Não tenho motivos nenhuns para ter medo de um gangue que deixou o Peck entrar. Ele nem sequer lhes pode ligar, ou à Aimee, porque ficou sem o telefone. — Não quero que ele contacte a Aimee antes

de mim. Tenho de lhe dar explicações e, sei lá, é bem capaz de ela não me querer ver quando souber o que eu fiz, seja o meu Último Dia ou não.

— A Previsão-de-Morte também não lhe pode ligar — diz o Tagoe, com o pescoço a estremecer duas vezes.

— Eu não ia matá-lo.

O Malcolm e o Tagoe ficam em silêncio. Tinham visto que estava completamente em cima dele, como se não tivesse o menor controlo sobre mim.

Não consigo parar de tremer.

Podia tê-lo matado, mesmo que não fosse essa a minha intenção. Não sei se poderia continuar a viver com a minha consciência se tivesse mesmo acabado com a vida dele. Não, é mentira e sei bem disso, só estou a tentar armar-me em durão. Mas não sou durão. Mal tenho conseguido viver com a consciência tranquila por ter sobrevivido a uma coisa a que a minha família não sobreviveu — apesar de eu não ter tido culpa nenhuma no que aconteceu. Não há a menor hipótese de ficar em paz comigo mesmo se tivesse espancado alguém até à morte.

Arranquei em direção às nossas bicicletas. O guiador da minha está emaranhado na roda da bicicleta do Tagoe, depois de termos perseguido o Peck até aqui e saltado à pressa para o apanharmos.

— Vocês não podem vir atrás de mim — disse, pegando na minha bicicleta. — Entendem isso, não entendem?

— Não, nós estamos contigo, porque...

— Não mesmo — interrompo. — Eu sou uma bomba-relógio em contagem decrescente e se vocês não vão explodir ao mesmo tempo que eu, podem acabar por se queimar, talvez literalmente.

— Não te vais livrar de nós assim — diz o Malcolm. — Para onde tu vais, nós vamos também.

O Tago acena com a cabeça, inclinando-a para a direita, como se o corpo estivesse a trair o instinto de me seguir. Volta a assentir. Mas desta vez sem tremores involuntários.

— Vocês os dois são como sombras, caramba — digo.

— Estás a dizer isso porque somos pretos? — pergunta o Malcolm.

— Porque andam sempre atrás de mim — digo. — São leais até ao fim.

Até ao fim.

Isto cala-os. Subimos para as bicicletas e saímos do passeio, com as rodas a bater e a ressaltar. Foi o dia errado para ter deixado o capacete para trás.

O Tago e o Malcolm não podem ficar comigo o dia todo, sei disso. Mas nós somos Plutões, irmãos na mesma casa de acolhimento e não voltamos as costas uns aos outros.

— Vamos para casa — digo.

E lá vamos nós.

## MATEO

### 1h06

Estou de regresso ao meu quarto — lá se foi a teoria de que nunca mais cá voltava — e sinto-me imediatamente melhor, como se tivesse acabado de ganhar uma vida extra num jogo de vídeo em que o vilão estivesse a dar-me cabo do couro. Não sou ingénuo quanto à questão da morte. Sei bem que vai acontecer. Mas não tenho de ir a correr ao seu encontro. Vou tentar ganhar mais algum tempo. A única coisa que sempre quis foi ter uma vida longa, e tenho o poder de não dar um tiro no pé e acabar já com esse sonho ao sair porta fora, principalmente a esta hora da noite.

Salto para a cama e sinto aquele alívio que só sentimos quando nos levantamos de manhã para ir para a escola e reparamos que afinal é sábado. Coloco um cobertor sobre os ombros, vou para o computador — ignoro o e-mail que recebi da Previsão-de-Morte com o recibo da hora do telefonema com a Andrea — e continuo a ler o texto de ontem do *EmContagemDecrescente* que interrompi quando recebi a chamada.

O Decker era o Keith, de 22 anos. As suas atualizações de estado não fornecem muito contexto sobre a vida dele, apenas que era um falhado solitário que preferia correr com o seu *golden retriever*, o *Turbo*, a socializar com os colegas de turma. Andava a tentar encontrar uma casa nova para o *Turbo* porque tinha quase a certeza de que o pai ia dar o cão à primeira pessoa que lhe aparecesse à frente, e podia ser qualquer pessoa, já que o *Turbo* é tão bonito.

Bolas, até *eu* era capaz de adotar o cão, apesar de ser gravemente alérgico a cães. Mas antes de o Keith dar o cão, andavam os dois a correr pela última vez nos seus locais favoritos; as atualizações pararam algures no Central Park.

Não sei como o Keith morreu. Não sei se o *Turbo* sobreviveu ou se morreu com ele. Não sei o que seria melhor para o Keith e para o *Turbo*. Não sei. Podia procurar por notícias de assaltos ou homicídios ocorridos no Central Park ontem por volta das 17h40, quando as atualizações pararam, mas, para bem da minha sanidade, é melhor deixar que o fim permaneça um mistério. Em vez disso, abro a pasta de músicas e ouço Sons do Espaço.

Há alguns anos, uma equipa da NASA criou um instrumento especial para registar os sons dos diferentes planetas. Eu sei, na altura também achei esquisito, principalmente por causa de todos os filmes que vi sobre como não havia som no espaço. Mas há, só que existe numa espécie de vibração magnética. A NASA converteu os sons para que o ouvido humano os conseguisse captar, e apesar de estar escondido no meu quarto, tropecei em algo mágico que existe no universo — algo que as pessoas que não seguem as tendências do mundo online provavelmente deixaram passar. Alguns planetas têm um som ominoso, semelhante ao que se ouve nos filmes de ficção científica cuja ação se passa num mundo alienígena, não na Terra. Neptuno soa como uma corrente de água muito veloz, Saturno tem uma espécie de uivo aterrorizador, que nunca mais voltei a ouvir, e o mesmo acontece com Urano, só que aqui também existem ventos duríssimos que assobiam e se assemelham a naves espaciais a disparar lasers umas contra as outras. Os sons dos planetas são um ótimo desbloqueador se tivermos de conversar com alguém, mas se não tivermos, são ótimos ruídos de fundo para quando estamos a tentar adormecer.

Distraio-me do meu Último Dia lendo mais feeds no *EmContagemDecrescente* e ouvindo o registo de som da Terra, que me faz sempre lembrar o canto dos pássaros e os tons graves que as baleias emitem, mas que também me soa um pouco estranho, como algo que não sei identificar exatamente, muito parecido com Plutão, que parece ter ao mesmo tempo o som das conchas do mar e o sibilar de uma serpente.

Mudo para a faixa de Neptuno.

## RUFUS

### 1h18

Vamos para a Plutão pela calada da noite.

«Plutão» é o nome que arranjámos para a casa de acolhimento onde vivemos desde que as nossas famílias morreram ou nos viraram as costas. Plutão foi despromovido de planeta para planeta anão, mas nós nunca nos tratamos uns aos outros como se fôssemos menos do que o resto das pessoas.

Faz agora quatro meses que perdi a minha família, mas o Tagoe e o Malcolm têm uma ligação há muito mais tempo. Os pais do Malcolm morreram num incêndio doméstico ateado por um pirómano não identificado e, quem quer que seja, o Malcolm deseja que morra no fogo do Inferno por lhe ter roubado os pais quando ele era apenas um miúdo problemático de 13 anos que mais ninguém queria, a não ser o sistema, e mesmo este contrariado. A mãe do Tagoe fugiu quando ele era pequeno e o pai desapareceu há três anos, quando não conseguiu pagar todas as dívidas. Um mês depois, o Tagoe veio a saber que o pai se suicidara e desde então ainda não derramou uma única lágrima pelo tipo, nem sequer perguntou como é que ele se matou.

Mesmo antes de eu saber que estava prestes a morrer, sabia que esta casa, Plutão, não ia ser a minha casa durante muito mais tempo. Estou quase a fazer 18 anos — e o mesmo acontece com o Tagoe e com o Malcolm, que fazem os dois anos em novembro. Eu e o Tagoe devíamos ir para a universidade e já tínhamos

decidido que o Malcolm ia ficar connosco até se organizar. Ninguém sabe como é que a vida vai correr agora e detesto já ter uma saída para todos os problemas. Mas o que importa é que ainda estamos juntos. Tenho o Malcolm e o Tago e ao meu lado, como sempre estiveram desde o dia em que cheguei à casa de acolhimento. Fosse para passarmos tempo em família ou para fazermos sessões de resmunguice, eles estiveram sempre comigo.

Não tinha planeado parar, mas foi o que fiz quando vi a igreja onde estive um mês depois do grande desastre — o meu primeiro fim de semana com a Aimee. O edifício é gigantesco, de tijolo branco sujo e campanários acastanhados. Adorava tirar uma fotografia dos vitrais das janelas, mas o *flash* podia influenciar as cores. De qualquer maneira, não faz mal. Se uma fotografia é digna do *Instagram*, normalmente espeto-lhe com o filtro *Moon* para lhe dar aquele ar clássico a preto-e-branco. O verdadeiro problema é que não acho que a fotografia de uma igreja tirada por um não crente seja a melhor última publicação para deixar aos meus 70 seguidores. (*Hashtag*, não vai acontecer.)

— O que é que se passa, Roof?

— Foi nesta igreja que a Aimee tocou piano para mim — respondi. — A Aimee é muito católica, mas nunca tentou impingir-me a sua religião. Tínhamos estado a falar sobre música e eu disse que gostava de algumas músicas clássicas que a Olivia costumava pôr quando estávamos a estudar. A Aimee quis que as ouvisse ao vivo — e quis que fosse ela a tocá-las para mim. — Tenho de lhe dizer que recebi o alerta.

O Tago e estremeceu. Tenho a certeza de que está a morder-se todo para me recordar de que a Aimee me pediu espaço, mas estes pedidos são postos de parte quando chegam os Últimos Dias.

Deço da bicicleta e baixo o descanso. Não me afasto muito deles, estou só a aproximar-me da entrada, quando um padre sai

da igreja a acompanhar uma senhora que vem a chorar. Ela vem a esfregar os anéis uns nos outros; acho que são topázio, como os que a minha mãe penhorou quando quis comprar bilhetes para a Olivia ir a um concerto no seu décimo terceiro aniversário. Esta senhora tem de ser uma Decker, ou então conhecer alguém que é. O movimento por estas bandas não é brincadeira. O Malcolm e o Tagoe estão sempre a gozar com as igrejas que evitam a Previsão-de-Morte e a sua «pecaminosa visão satânica», mas é uma loucura ver como algumas freiras e sacerdotes estão ocupados até depois da meia-noite a atender os Deckers que querem confessar-se, ser batizados e essas cenas todas maravilhosas.

Se existir mesmo um tipo que é Deus, como a minha mãe acreditava que existia, espero que neste momento ele esteja a olhar por mim.

Ligo para a Aimee. O telefone toca seis vezes antes de ir para as mensagens. Tento novamente e só toca três vezes antes de voltar a ir para as mensagens. Ela está a ignorar-me.

Escrevo uma mensagem: A Previsão-de-Morte ligou-me. Se ca-lhar podias fazer o mesmo.

Não, não posso ser cabrão e mandar-lhe isto.

Corrijo a mensagem: A Previsão-de-Morte ligou-me. Podes ligar-me?

O meu telemóvel toca em menos de um minuto, com um toque normal, não com o alerta aterrador da Previsão-de-Morte. É a Aimee.

— Olá.

— Estás a falar a sério? — pergunta ela.

Se não fosse a sério, ela matava-me de certeza por estar a lançar um falso alarme. O Tagoe fez isso uma vez para chamar a atenção da Aimee e ela acabou com a brincadeira num instante.

— Estou. Tenho de te ver.

— Onde estás? — A voz dela não tem o menor tom de irritação e não está a tentar desligar como tem feito nas últimas chamadas.

— Na verdade estou na igreja onde me levaste — digo eu. O ambiente é tão pacífico que acho que podia ficar aqui todo o dia até o amanhã chegar. — Estou com o Malcolm e o Tago.

— Porque é que não estás na Plutão? O que é que estão a fazer na rua a uma segunda-feira à noite?

Preciso de mais tempo antes de responder a esta pergunta. Talvez mais oito anos, mas não os tenho e neste momento também não me apetece assumir o que fiz.

— Vamos agora para a Plutão. Consegues ir lá ter?

— O quê? Não. Fica na igreja que vou ter contigo.

— Não vou morrer antes de conseguir estar contigo, confia em...

— Tu não és invencível, idiota! — A Aimee já está a chorar e a voz treme-lhe como daquela vez em que fomos surpreendidos por uma chuvada e não tínhamos casacos. — Oh, Deus, desculpa, mas sabes quantos Deckers fazem essas promessas e depois acabam por levar com um piano na cabeça?

— Vou tentar adivinhar: não muitos — respondo. — Morte via piano não me parece assim muito provável.

— Isto não tem graça, Rufus. Vou vestir-me, não saias daí. Demoro meia hora, no máximo.

Espero que ela me possa perdoar por tudo o que fiz, esta noite incluída. Vou estar com ela antes do Peck e posso explicar-lhe o meu lado da história. Tenho a certeza de que o Peck vai para casa, vai limpar-se e ligar à Aimee do telemóvel do irmão para lhe dizer como eu sou um monstro. Só espero que não ligue à polícia, senão vou passar o meu Último Dia atrás das grades, ou talvez dê por mim do lado errado do bastão de um agente. Não quero pensar nisso agora, só quero estar com a Aimee e despedir-me

dos Plutões como o amigo que eles sabem que sou, não como o monstro que fui esta noite.

— Vai ter comigo a casa. Vem... ter comigo a tempo. Até já, Aimee.

Desligo antes que ela possa protestar. Pego na bicicleta e subo, enquanto a Aimee não para de me ligar.

— Qual é que é o plano? — pergunta o Malcolm.

— Vamos voltar para a Plutão — digo-lhes. — Vocês vão organizar-me um funeral.

Vejo as horas: 1h30.

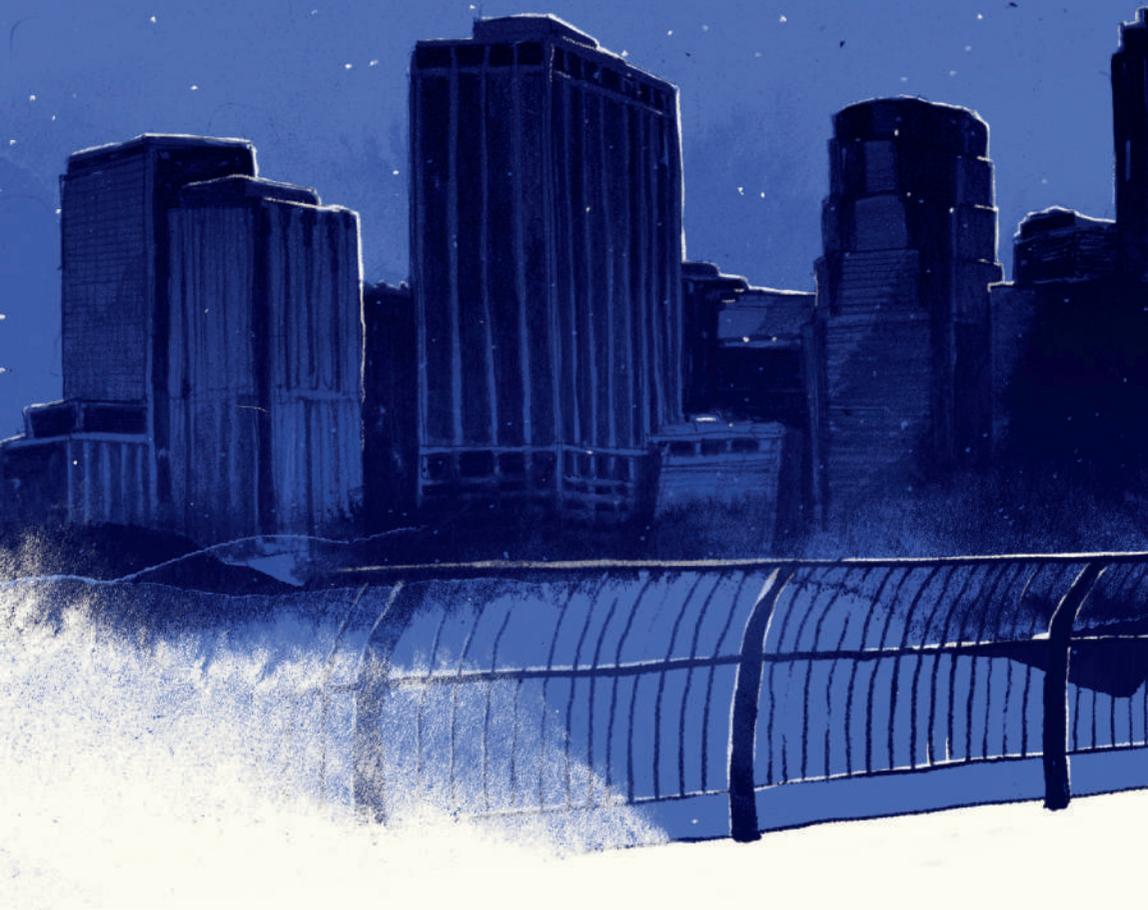
Ainda há tempo para os outros Plutões receberem o alerta. Não estou a desejar a morte de ninguém, mas talvez não tenha de morrer sozinho.

Ou talvez tenha de ser mesmo assim.

# SEM MORTE, NÃO HÁ VIDA. SEM PERDA, NÃO HÁ AMOR.

Pouco depois da meia-noite, o Mateo e o Rufus, dois completos estranhos, recebem a notícia de que vão morrer dentro de 24 horas. Neste último dia que lhes resta, ambos anseiam por fazer um amigo.

A boa notícia é que existe uma aplicação para isso. Chama-se *Último Amigo* e, através dela, estes dois jovens encontram-se para uma deiradeira e intensa aventura: viver toda uma vida num só dia.



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-99-7



9 789898 917997

Literatura Traduzida